



Tema 05: Dimensão de Capacitação (Processo-metodológico. “Como organizar a ação”).

Titulo 03: Pedagogia de Formação. Orientações e pistas de ação.

Pe. Sebastião Correia Neto

(Especialista em Aconselhamento Pastoral e em Direção Espiritual – Inst. São Tomás de Aquino – BH.)

Dimensão de Capacitação:

Pedagogia de formação na evangelização da juventude

Apresenta-se aqui algumas provocações e pilares para a pedagogia formativa na evangelização da juventude hoje. Vale está atento aos desafios atuais, que mexem na maneira de agir e trazem novas formas de comunicação e educação. Além disso, levar em conta a história de evangelização da juventude daquela realidade onde se encontra a juventude. É preciso fazer memória da evangelização em cada diocese, mapear as experiências formativas, identificar cenários, vertentes, atores e forças.

1. Desafios atuais

Hoje se fala muito em “mudança de época”. E tal mudança exige mudanças de atitudes e comportamentos pedagógicos. Passou-se da vivência de tempos e espaços reais para tempos e espaços virtuais. A era da produção deu lugar à era do consumo, sem, no entanto, distribuir os bens da humanidade e construir a utopia da justiça social. E a mídia educadora é o meio mais eficiente de formar bons consumidores.¹

¹ Cf. BALBINOT e BENICÁ, p. 9-16.



As imagens se tornaram, em certo sentido, mercadorias. Por isso, para construir o eu pessoal, transparece a necessidade de sua aquisição. Isso se torna um elemento importante na auto-apresentação nos mercados de trabalho, e por extensão, passa a ser parte integrante da busca de identidade individual, auto-realização e significado de vida. Em resumo, a imagem passa a ser a prova da realidade.²

Além disso, a modernidade iluminista-positivista deu tônica à lógica da organização e do controle. Esta envolve programação, controle, avaliação. Provoca um processo, um passo a passo para chegar depois. É pela disciplina e rigidez que se consegue transformar as realidades e superar as lacunas. Porém, se percebe hoje o despontar da lógica do espontâneo e instantâneo. Ela apresenta a vida como um “agora ou nunca”, para depois não serve. Tal conflito entre estas lógicas estão presentes nas instituições e trazem desafios para a evangelização e formação, de maneira especial para a evangelização da juventude.

2. Desafios pastorais

Provocar interesse da parte do jovem, partindo de suas vidas, suas necessidades e interesses. Ou seja, dar prioridade à realidade de vida dos jovens. Evitar tentação de formação massiva.

Não se pode cair na tentação de reduzir a evangelização da juventude unicamente a eventos massivos. Quando estes eventos não estão ligados a um acompanhamento sistemático de educação na fé, os efeitos duram pouco.³

É preciso integrar evento e cotidianidade. Deve ficar claro a idéia de “processo” na pedagogia formativa. Implica a necessidade de seguir etapas e respeitar a

² CORRÊA NETO, p. 21.

³ CNBB, Doc 85, n. 154.



gradualidade, a não linearidade dos passos.⁴ E acompanhar de forma próxima grupos e projetos de vida pessoal dos jovens, de maneira especial dos líderes.

Evitar a pedagogia do ninho, onde frente às dificuldades dos tempos atuais, o jovem encontra clima de proteção e aconchego.⁵ O desafio é integrar a necessidade de acolhida e cuidado, mas sem cair no “paternalismo” que impede ao jovem construir sua autonomia e protagonismo.

Por fim, ter clareza pedagógica. Isso implica fazer opções pedagógicas. O Papa Francisco tem indicado com atitudes e propostas tal clareza. Em sua pedagogia transparece passos que partem da escuta e proximidade, depois o encantamento pelo projeto de Jesus Cristo e a formação na missão.

3. Pontos de partida

Levar em conta a psicologia juvenil. A característica própria desta fase é a confusão de identidade, ou confusão de papel. Baseia-se na dúvida em relação à identidade sexual ou na incapacidade de fixar-se em uma identidade ocupacional. No meio dessa confusão para manter o senso de integridade, o adolescente pode super-identificar-se temporariamente com os heróis dos grupos ou das multidões ou apegar-se de forma forte ao espírito do clã, isto é, ao grupo de amigos. Identificado com um grupo, ele pode cultivar intolerância com os que estão de fora como defesa contra a confusão do sentimento de identidade.⁶ Para a pedagogia formativa não é possível ignorar tal realidade. Por isso, a pedagogia da vida grupal é um caminho necessário.

⁴ Cf. BALBINOT e BENICÁ, p. 103-104.

⁵ Cf. LIBÂNIO, p. 211-213.

⁶ Sobre a fase adolescente, conferir bibliografia de Erik Erikson. Quando ele escreve suas observações, já se fazia notar as grandes transformações da sociedade que mudariam a forma de percepção da adolescência. Em sua época já dizia que a adolescência “passou a ser quase um modo de vida entre a infância e a idade adulta”. Hoje, no entanto, vê-se que o “quase” pode ser retirado e pode-se afirmar que adolescência se constitui um modo de vida.



Levar em conta a realidade de pluralidade. Apesar da globalização neo-liberal⁷ e dos modernos meios de comunicação social infundirem a imagem de um mundo conectado e em rede, percebe-se na prática um mundo fragmentado, com tensões e cisões. Na sociedade de modo geral, percebe-se grupos minoritários, antes marginalizados, lutarem para manter e fazer valer suas identidades. Na Igreja tal pluralidade se reflete de maneira forte. Vertentes e cenários múltiplos se apresentam em conflito e desafiam a organização e unidade da evangelização. Tal realidade traz para o interior da Igreja largas possibilidades de expressões. Pode-se ter, por exemplo, desde um jovem engajado em uma atividade social de fronteira até aquela jovem que participa de missa usando um véu. O que revela um desafio complexo para o acompanhamento pessoal e espiritual das juventudes cristãs católicas. No processo pedagógico de formação deve-se considerar que cada expressão tem sua pedagogia e, é preciso conhecer, potencializar e partir do que cada uma produz de processo formativo.

4. Pilares

Um primeiro pilar é pedagogia de Jesus. O texto de Lc 24,13-35 (Discípulos de Emaús) mostra que a primeira atitude de Jesus é aproximar, caminhar o caminho dos discípulos, interessar-se pelos problemas dos dois. O início de toda formação cristã é o discipulado a partir da pedagogia do Mestre. Ele une seus discípulos estreitamente a si, os orienta na assimilação do paradigma do Reinado de Deus, através da vida cotidiana, da dinâmica do aprender fazendo, de modo integral, e, por fim, pela ação do Espírito Santo.⁸

Durante a JMJ Rio 2013 na homilia da missa com os bispos, sacerdotes, religiosos e seminaristas, o Papa Francisco instiga os ali presentes a “educar os jovens na missão para serem rúes da Fe”.

⁷ Cf. CORRÊA NETO, p. 20.

⁸ Cf. CELAM, p. 281-285.



Assim fez Jesus com os seus discípulos: não os manteve grudados a si, como uma galinha com os seus pintinhos; Ele os enviou! Não podemos ficar enclausurados na paróquia, nas nossas comunidades, em nossa instituição paroquial ou em nossa instituição diocesana, quando tantas pessoas estão esperando o Evangelho. Sair, enviados. Não é um simples abrir a porta para que venham, para acolher, mas sair pela porta para procurar e encontrar. Animemos os jovens para que saiam. É possível que façam bobagens. Não tenhamos medo! Os apóstolos as fizeram antes de nós. Animemo-los para sair!⁹

Observa-se aqui que a formação não é para a missão, mas na missão. É no fato de abrir o coração dos jovens para o encontro com outras realidades que acontece a educação e transformação na fé. Não é trazer os jovens para dentro de nossas estruturas e formar-lhes um ninho de segurança, mas envolvê-los no dinamismo missionário, no risco de aventurar-se pelas estradas empoeiradas da vida. E quantos jovens estão longe das estruturas eclesiais por tantas circunstâncias: trabalho, estudo, engajamento e opção de vida! Eles precisam sentir que lá onde estão são enviados, precisam sentir-se acompanhados e ligados a essa grande rede da Boa Nova.

É na missão que irão desenvolver a cultura do encontro. Descobrir o “outro” como “outro” e oferecer-lhe o dom da alegria de ser seguidor de Cristo. Tal processo faz personalizar o batismo. Ou seja, descobrir o que se realiza nele: a vida-morte-ressurreição de Jesus. É verdade que nunca estarão prontos. É na avaliação e aprofundamento do caminho missionário que se vai crescendo no compromisso com o Senhor.

Em dois números que tratam especificamente da juventude na EG, Francisco chama atenção, de forma densa, para realidades importantes da evangelização da juventude. Os impactos das mudanças sociais causaram mudanças nas formas de evangelização, como se viu no início. Nas estruturas ordinárias os jovens não encontram respostas. Mas por outro lado há uma proliferação e surgimento de novas propostas por

⁹ FRANCISCO, Santa missa com os Bispos da JMJ Rio 2013, sacerdotes, religiosos e seminaristas. p. 73.



parte dos jovens, fora das estruturas. Grupos de jovens nascem espontaneamente aqui e ali. Por isso, é necessário um olhar para fora dos muros das estruturas para perceber os ventos do Espírito. Tem-se aí o desafio de estabilizar e integrar a participação desses grupos e movimentos mais espontâneos na pastoral de conjunto. A pluralidade de expressões surgidas nesse contexto desafia a criação de espaço de comunhão e consciência eclesial. E assim, é preciso desenhar, mais que estruturas de controle, espaços de cuidado e acolhida. A proximidade e o cuidado no acompanhamento possibilitam além do trabalho em comunhão, o aprender com as novas formas de organização.¹⁰

As juventudes provocam um repensar as estruturas e a acomodação eclesial. Exigem um novo estilo de formação baseado na interação. Ou seja, uma pedagogia onde a pessoa aprende junto e não é apenas informada, “um processo metodológico capaz de envolver as pessoas no saber, no fazer e no ser cristãos”.¹¹

Ter os jovens como protagonistas. Os jovens são os verdadeiros responsáveis pela sua formação e de outros jovens. O protagonismo juvenil é um princípio pedagógico com o intuito de oferecer espaço de formação para a responsabilidade, para descobrir e redescobrir a presença e atuação de Deus na própria vida. E aprende-se a ser responsável assumindo responsabilidades.

Se queremos formar jovens com iniciativa e responsabilidade, que sejam líderes, temos que lhes dá responsabilidades. Não há nada que desenvolva melhor a personalidade do que o exercício da responsabilidade.¹²

Por fim, discernir os caminhos do Espírito. Mais que uma série de tarefas que se tem como obrigação realizar, a formação das novas gerações, é um deixar-se guiar pelos caminhos do Espírito. “O Espírito Santo bem sabe o que faz falta em cada época e em

¹⁰ Cf. EG n. 105-106.

¹¹ Cf. CNBB, Doc 100, n. 290 e 302-305.

¹² BORAN, p. 301. Cf. DICK, p. 25-26.



cada momento”.¹³ Mais que isso, inclui acompanhar os jovens do discernimento das trilhas que o Espírito os leva. E sabe-se bem que o Espírito Santo leva sempre à saída de si e viver a vida de Cristo, que foi vida no Espírito.

5. Finalizando

Os desafios do contexto atual e da própria maneira de ser da etapa de vida juvenil colocam para os discípulos missionários empenhados no acompanhamento vários desafios. Necessário se faz um novo ardor missionário que permita novos dinamismos semeados pelo Espírito.

A missão junto às juventudes, mais que um trabalho de conquista de jovens para a Igreja, deve oferecer ao jovem a graça de ser encontrado, isto é, ir ao encontro dos jovens e deixar-se interpelar-se por eles, percebendo as “sementes ocultas do Verbo” na cultura juvenil; oferecer ao jovem a graça de ser compreendido no seu ser e nos aspectos positivos do tempo atual. E, a partir da proximidade, provocar discernimento à luz do Evangelho. Entrar na realidade vivida, para daí apresentar a convocação

E mais que tudo, oferecer um lar: comunidades vivas que alimentem propostas claras, firmes e sólidas, comunidades que ofereçam sonhos, desejos e utopias. Oferecer um “ser”: uma identidade, ser cristão. Isso significa ser ligado a uma história, a uma comunidade de pertença.

Tem-se para isso, os novos ventos do Espírito presentes nos caminhos abertos pelos jovens para além dos muros das estruturas e os discernimentos e inspirações oferecidas pelo Papa Francisco. Mais que lamentar as dificuldades à vista, arriscar sair junto aos jovens para a missão.

¹³ EG, n. 280.



Bibliografia

BALBINOT e BENICÁ. *Metodologia Pastoral: mística do discípulo missionário*. São Paulo: Paulinas, 110 p.

BORAN, Jorge. *O futuro tem nome: juventude: sugestões práticas para trabalhar com jovens*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2001. 346p.

———. *Os desafios pastorais de uma nova era: estratégias para fortalecer uma fé comprometida*. São Paulo: Paulinas, 2000. 106p.

CELAM. *Civilização do amor: projeto e missão*. Orientações para uma pastoral Latino-americana. Brasília: Edições CNBB, 2013. 362 p.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2007. 164p. (Documento da CNBB 85).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia: A conversão pastoral da paróquia*. São Paulo: Paulinas, 2014. 166p. (Documento da CNBB 100).

CORRÊA NETO, Sebastião. *Juventudes e vocações hoje: caminhos e perspectivas para uma pastoral vocacional*. São Paulo: Paulus, 2013. 71p.

DICK, Hilário. *Mínimo do mínimo para anunciar a Boa Nova à Juventude*. Curitiba: Champagnat, 2013. 57 p.

ERIKSON, E. H. *Identidade, Juventude e Crise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976. 322 p.

ERIKSON, E. H. *Infância e Sociedade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1971. 404 p.

FRANCISCO. *As palavras do Papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2013. 155 p.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. Brasília: CNBB, 2013. 167 p.



LECCARDI, Carmen. *Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo*. In *Tempo social*, vol. 17, n. 2. São Paulo: USP, nov.

Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a03v17n2.pdf>>

LIBÂNIO, J. B. *Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004. 242p.